



## ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM DIÁLOGO ENTRE A EXPERIÊNCIA E A FORMAÇÃO INICIAL DO ALFABETIZADOR

Edleusa Luzia Moreira Pereira de Souza <sup>1</sup>  
Georgina Maria Faria Mucci <sup>2</sup>  
Elizabeth Ramalho Procópio <sup>3</sup>  
Jardel Costa Pereira <sup>4</sup>

O objetivo do presente trabalho é relatar uma capacitação para os acadêmicos de Pedagogia, Pibidianos ou não, que, juntamente com professores supervisores, participaram de um momento onde houve a troca das vivências e experiências de uma docente alfabetizadora com 30 anos de experiência na área da educação: Professora Edleusa Luzia Moreira Pereira de Souza - Professora alfabetizadora efetiva na Escola Estadual Coronel Vieira e designada na Escola Estadual Professor Clóvis Salgado, com pós graduação em Psicopedagoga Clínica e institucional numa perspectiva inclusiva e em Alfabetização e Letramento. Durante a oficina de capacitação foram abordados diferentes metodologias e propostas de alfabetização e letramento, mostrando as diferentes possibilidades de proporcionar ao aluno da educação básica práticas pedagógicas diferenciadas e contextualizadas.

O Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) unidade Leopoldina, se sente no compromisso com a comunidade acadêmica de estabelecer uma formação heterogênea que se associa à realidade educacional que é plural e exige múltiplas compreensões mediante a sua complexidade e, ao mesmo tempo dar condições ao aluno de criar e encontrar caminhos novos em sua práxis pedagógica.

A importância da formação de professores na área da Pedagogia perpassa pela discussão sobre as metodologias e propostas de alfabetização dentre elas o alfaetrar, expressão utilizada por Magda Soares em sua obra de título similar intitulada *Alfaetrar: Toda criança pode*

---

<sup>1</sup> Professora alfabetizadora efetiva na E.E. "Coronel Vieira" e designada na E.E. "Prof. Clóvis Salgado". Pós graduação em Psicopedagoga Clínica e institucional numa perspectiva inclusiva e em Alfabetização e Letramento [souzaedleusa4@gmail.com](mailto:souzaedleusa4@gmail.com);

<sup>2</sup> Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais / Unidade Leopoldina e Ubá no curso de Pedagogia [georgina.mucci@uemg.br](mailto:georgina.mucci@uemg.br);

<sup>3</sup> Professora da Universidade do Estado de Minas Gerais / Unidade Leopoldina no curso de Pedagogia, [elizabeth.procopio@uemg.br](mailto:elizabeth.procopio@uemg.br);

<sup>4</sup> Professor da Universidade do Estado de Minas Gerais / Unidade Leopoldina e coordenador do curso de Pedagogia [jardel.pereira@uemg.br](mailto:jardel.pereira@uemg.br);



*aprender a ler e escrever*”, publicada no ano de 2020 em que a autora destaca a necessidade de se conhecer os usos sociais do sistema alfabético de escrita. (SOARES, 2020)

A partir da análise da obra “*Letramento: um tema em três gêneros*”, também da autora Magda Soares (2009) é possível interpretar do texto que o termo letramento é expressão ainda recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas e apresenta uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita que tornou-se foco de atenção e discussão em diferentes áreas.

Letramento é na realidade a capacidade que o indivíduo possui de [...] Ler o mundo [...] segundo o grande educador Paulo Freire; ou seja, contextualizar a leitura de acordo com sua realidade.

Os estudos sobre letramento não se restringem somente àqueles que sabem ler e escrever, sempre se remete a sua aplicabilidade no meio social, de maneira ampla. Assim, aprender a ler e a escrever, letrar-se, significa adquirir uma técnica e aplicá-la no meio social.

No dizer de Soares (2009): “letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social”. (SOARES, 2009, p.23)

Assim, podemos considerar que o letrado é aquele que sabe ler e escrever, mas que sabe também aplicar seus conhecimentos na vida em sociedade, sabe colocar-se integralmente, consciente de seus atos, o que não é possível ao analfabeto.

Dentro dessa perspectiva, a escrita se caracteriza como produto cultural e, a alfabetização é caracterizada pelo processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita; já o letramento, focaliza aspectos sócio- históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade.

Diante dessa linha de raciocínio surge um questionamento que motivou a capacitação descrita no presente relato: quais as práticas sociais que exigirão da criança o domínio da escrita e, em que medida, enquanto alfabetizador, o professor está preparado para orientá-la?

A oficina de capacitação aconteceu nas dependências da UEMG / Unidade Leopoldina, organizada em forma de roda de conversa e debate e reflexões sobre as diferentes abordagens metodológicas. Utilizou-se um ambiente lúdico preparado com referência a um ambiente alfabetizador. Primeiramente foi realizado um questionamento aos acadêmicos: haveria uma fórmula para se alfabetizar?

Partiu-se do princípio que alfabetização não é apenas um código de transcrição gráfica das unidades sonoras, mas sim um sistema que evolui historicamente, em que não se deve

privilegiar apenas a uma mera codificação e decodificação, mas respeitar o processo de simbolização.

Feito o questionamento, em um segundo momento a professora alfabetizadora foi realizando sua explanação considerando alguns aspectos importantes como a seguinte discussão: seria possível ao professor alfabetizador, baseando-se em teorias já conhecidas aliadas a uma prática consciente, encontrar uma metodologia eficiente, que lhe mostrasse passo a passo o necessário para o possível sucesso no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem;

Ela seguiu adiante trazendo à pauta o seguinte: E se por acaso essa situação desse origem a uma fórmula que poderia ser ilustrada da seguinte maneira:  $ASEA=ANS+M^2+ZDP^3$ , ou seja, (Aquisição do Sistema de Escrita Alfabética, igual a Análise dos Níveis Silábicos (Teoria de Emília Ferreiro), ou seja, Avaliação Diagnóstica, mais as Metodologias necessárias, fônicas ou globais, mais a Zona de Desenvolvimento Proximal (teoria de Vygotsky) vislumbrada na prática.

A professora prosseguiu em seu diálogo com a turma instigando-os a visualizar algumas etapas através das quais o aprendiz passa antes de alcançar o último nível no processo inicial de alfabetização. Essas estratégias ou etapas foram denominadas de níveis a partir de pesquisas realizadas pelas educadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky e foram divididas em: Nível I (Estágio Pré - silábico), Nível II (Evoluindo no Pré-Silábico), Nível III (Estágio Silábico), Nível IV (Silábico – Alfabético) e Nível V (Alfabético). Feita esta explanação e evidenciados alguns exemplos dos níveis de escrita das crianças, a professora destacou a importância da avaliação diagnóstica, da identificação da etapa em que a criança se encontra, a atuação do professor e as diferentes metodologias que podem ser utilizadas pelos docentes alfabetizadores considerando-se a diversidade de culturas e estilos de aprendizagens.

Durante muitas décadas, discutiu-se quais métodos seriam os mais adequados para o sucesso do ato de alfabetizar, os sintéticos ou os analíticos e, ao longo da história da alfabetização, esse impasse deu origem a chamada *querela dos métodos* (Braslavsky, 1971), alimentada principalmente pelos resultados de pesquisas norte-americanas e sedimentou a subdivisão classificatória desses métodos em sintéticos: alfabético, fônico, silábico; e analíticos: palavração, sentencição, historieta, conto.

Por estudos e observações, propõe-se a divisão desse complexo movimento histórico em quatro momentos cruciais: o 1º momento (1876 a 1890) marcado pela disputa entre defensores do então “novo” método da palavração e os dos “antigos” métodos sintéticos (alfabético, fônico, silábico); o 2º momento (1890 a meados da década de 1920) destaca-se pela

disputa entre defensores do então “novo” método analítico e os dos “antigos” métodos sintéticos; o 3.<sup>o</sup> momento (meados dos anos de 1920 a final da década de 1970) estabelecem-se as disputas entre defensores dos “antigos” métodos de alfabetização (sintéticos e analíticos) e os intitulados “novos” testes ABC para verificação da maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita, de que decorre a introdução dos “novos” métodos mistos e o 4.<sup>o</sup> momento (meados da década de 1980 a 1994) marcado pelas disputas entre os defensores da então “nova” perspectiva construtivista e os dos “antigos” testes de maturidade e dos “antigos” métodos de alfabetização. (CARVALHO, 2007)

Em síntese, as matrizes metodológicas sintáticas são soletração, silabação e métodos fônicos; já a palavrção, sentencição e método dos contos pertencem à categoria dos métodos analíticos.

Se após todas as análises e tentativas em relação à utilização dos métodos e busca consciente por uma alfabetização de qualidade, as respostas encontradas forem satisfatórias, há possibilidades de que o método escolhido, se for bem aplicado, proporcione bons resultados, afinal, somente o educador atuante e consciente sabe qual é o método que se adapta melhor à sua realidade. Em torno dessa intensa relação professor e aluno acontecem inúmeras reflexões e discussões acerca dos processos que envolvem a alfabetização.

Tal afirmação vislumbra segundo estudos e observações a visão de Vygotsky, que viu na instrução um facilitador do desenvolvimento cognitivo. O que uma criança pode fazer com assistência hoje ela será capaz de fazer sozinha amanhã (Vygotsky, 1987, p. 87). Sobre um enfoque sócio-construtivista o educando é capaz de ser ativo no processo de ensino aprendizado, contudo ele é passível de equívocos e o olhar atento do professor será o diferencial nesta etapa tão importante para todo o processo de escolarização.

A capacitação realizada na oficina de alfabetização, no âmbito da formação inicial docente em diálogo com a práxis de professores alfabetizadores experientes, podem se tornar um importante instrumento de formação.

Conforme explicitado por Tardif ao se referir ao saber docente e à condição de um novo profissionalismo: “saber plural, saber formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana, o saber docente é, portanto, essencialmente heterogêneo”. (TARDIF, 2010, p. 54)

Ao se discutir práticas e métodos que auxiliem os docentes em seus trabalhos pedagógicos em sala de aula, assegura-se assim a busca por um ensino de qualidade, tomando em consideração que o pedagogo deverá ser o profissional investigador da educação como prática social. Como investigador, dentro de seu processo formativo pesquisará novas

mediações da educação com o mundo sociocultural, além da escola, transcendendo o previsto nas demandas de mercado. (FRANCO, 2012, p. 112)

Levando-se em consideração as condições concretas da escola atual, ou seja, o modelo no qual ela se encontra hoje, ao escolher sua metodologia de trabalho, o educador deve em primeiro lugar considerar a concepção de leitura e de leitor que sustenta o método, sua fundamentação teórica, a coerência das etapas e os procedimentos de aplicação em relação à fundamentação. Também se deve levar em conta se o material didático sugerido é acessível a realidade dos educandos, se há evidências de que o método foi experimentado com êxito em um número significativo de turmas em contextos escolares diferentes e a opinião de educadores e pesquisadores sobre sua aplicação e resultados e, dentre todos estes se considera o mais importante: se o método objetiva desenvolver a leitura e escrita de forma prazerosa. Diferentes práticas devem perpassar o trabalho docente. Destaca-se aqui a importância do diálogo entre teoria e prática que sustentaram a capacitação relatada no presente trabalho.

Portanto acredita-se que, a partir de vivências e debates de estudantes licenciandos em pedagogia nas escolas de educação básica, juntamente com professores experientes, promoverão reflexões e práticas exitosas, bem como transformações no processo de alfabetização e letramento.

**Palavras-chave:** Formação de professores; Alfabetização e letramento; Oficinas pedagógicas.

## REFERÊNCIAS

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia como ciência da educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2010.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2004.

VYGOTSKY .L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987